GUIMARÃES: — IGREJA DE S.<sup>ta</sup> MARIA DO CAMPO DA FEIRA, E CONTORNOS.

## GUIMARÃES.

3.<sup>o</sup>

Por todo o territorio portuguez nesta parte occidental da Europa, e aonde os portuguezes pozeram pé nas outras regiões do mundo, quer para abrir commercio, quer para estabelecer dominio, a piedade e viva fé de nossos maiores erigiram templos mais ou menos sumptuosos em honra de Deus, da Virgem e

VOL. V. JUNHO 26. — 1841.

dos santos. As igrejas são os principaes dos nossos monumentos, a historia da fundação de muitas está intimamente ligada com factos dos nossos annaes. Votos pelo feliz successo das armas, acções de graças pelo bom exito d'empresas arriscadas, e uma infinidade de outras circumstancias, moveram tanto os reis, como os particulares ou nobres, ou plebeus, a levantar essas abobadas, sob as quaes os canticos sagrados, o perfume do incenso, o sciutillar dos

brandões accesos, são testemunhos de reconhecimento que a creatura tributa ao Creador. Como pois não será Guimarães povoada de templos, a nobre e antiquissima villa, que teve a gloria de ver germinar em seu gremio a florente monarchia portugueza? Da insigne collegiada de Santa Maria da Oliveira já nos precedentes artigos fallámos: apontaremos agora mais alguns com summaria noticia, sem nos sujeitarmos á ordem das suas respectivas posições topographicas ou da sua comparativa importancia como edificios. — O mosteiro de St.<sup>a</sup> Clara, no principio da rua da Infesta, onde ha um terreiro largo, parece por um letreiro no frontispicio ter sido fundado em 1561; porem é certo que um mestre-eschola da collegiada de Guimarães o fez edificar, lançando-lhe a primeira pedra em 29 de Setembro de 1559: é ampla casa, que já accomodou mais de sessenta religiosas. O convento de St.<sup>a</sup> Theresa, que primitivamente foi recolhimento, teve principio em 1685, com a notavel particularidade de procurar o fundador encobrir cuidadosamente o seu nome. A igreja da Misericordia, que tem hospital bem servido para enfermos pobres, foi em 1585 construida onde ora existe, em local adequado, á custa de Pedro d'Oliveira, cavalleiro de Santiago, natural desta villa; anteriormente estava a irmandade no claustro da collegiada, na capella de S. Braz, que por isso depois chamaram *misericordia velha*. Esta mesma caritativa corporação tem a seu cargo, por cumprimento de legado do Dr. Paulo de Mesquita Sobrinho, que lhe deixou seus bens, o contribuir com quantia estipulada para a mantença do recolhimento de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> das Mercês, que o mesmo Dr. instituíra na rua do gado. Alem das igrejas parochiaes, ha copia de ermidas *intra muros* e muitas mais nos arrabaldes. O convento de capuchos de St.<sup>o</sup> Antonio, e da invocação do glorioso thaumaturgo portuguez tão festejado de seus patricios como d'estranghas nações, fundou-se em 1664 com esmolas dos devotos; tem a frente para o sul e para a porta da muralha da villa, que chamavam da garrida, e hoje de St.<sup>o</sup> Antonio. Tambem com esmolas se erigiu em 1680 o convento de St.<sup>a</sup> Rosa, de freiras dominicanas, no sitio onde havia uma albergaria para passageiros pobres, que se transferiu para outro logar contiguo ao mosteiro. A primeira casa que os frades de S. Domingos tiveram em Guimarães, igualmente feita a expensas da publica devoção, foi derrubada em tempos das lamentaveis contestações de D. Affonso com seu pai elrei D. Diniz; porque, intentando-se a tomada da villa, os seus moradores e o capitão-mor, Mem Rodrigues de Vasconcellos, a defenderam pela voz d'elrei, com grande lealdade e constancia; e nessas circumstancias para occorrer ás providencias para a defensão necessitou-se a desmoração do convento, como a de outros predios: a segunda casa para os frades levantou-se, onde está, desde os annos 1375 até 1397, concorrendo para a obra grandemente o afamado arcebispo de Braga, D. Lourenço; e as armas que este prelado adoptára por brazão se viam no espelho de vidraças corádas, ou rosacea [como dizem os francezes] por cima do arco da capella-mór. Compõe-se a igreja de tres naves repartidas com arcarias e pilastras de marmore. Na capella de St.<sup>o</sup> Thomaz, que fica encostada á parede da capella-mór, entre esta e a de N. Sr.<sup>a</sup> das Neves, lado da epistola, em tumulo de pedra se recolheram os despojos mortaes de um veneravel religioso do convento, Fr. Lourenço Mendes, varão reverenciado por suas virtudes e zelo, e que ajuntando as esmolas dos fieis conseguiu edificar a ponte de Cavens no rio Tamega, onde se dividem as duas pro-

vincias do Minho e de Traz-os-Montes. Mandou-lhe fazer o jazigo, trasladando para elle os ossos, o licenciado Manoel Barbosa, pai do insigne jurisconsulto Agostinho Barbosa, cujos livros em linguagem latina alcançaram grande voga e estimação nos collegios juridicos da Europa.

O convento de S. Francisco é celebre por tres fundações: a primeira no logar, que hoje chamam *a fonte santa*, na freguezia de Santo Estevão d'Urguezes, e a effectuou o seraphico patriarcha, quando passou por este reino em tempo de Affonso 2.<sup>o</sup>, se é verdade o que affirma a chronica franciscana, part. 1.<sup>a</sup> liv. 6.<sup>o</sup> cap. 30, e que o P.<sup>o</sup> Carvalho cita sem commento; a segunda foi dentro da circumvalação das muralhas junto á torre velha, onde depois fizeram o recolhimento das irmaãs da 3.<sup>a</sup> ordem; derribado por occasião do cerco nas desavenças já apontadas entre pai e filho, reinando D. Diniz, foi restabelecido com mui proxima mudança de assento. Ha na igreja desta casa uma capella da Virgem, com uma invocação singularissima, e cuja origem ignorámos — N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Embaixada: — a não ser o mysterio da Annunciação que por este nome se queira designar, obscuro e difficil de averiguar achámos este titulo da Senhora. Na Capella de S. Gualter, companheiro de S. Francisco, e que outrora foi um tumulo de abobada de pedraria, repousam as cinzas do santo, como parece colligir-se deste letreiro: *Gualteri legit hoc venerabilis ossa sepulchrum*: «este sepulchro encobre os ossos do veneravel Gualter.»

Por cima do Campo da Feira está o campo, chamado do *gallego*, e nelle o mosteiro de religiosas de St.<sup>a</sup> Isabel, erecto em 1681, tambem com esmolas obtidas dos particulares. Vem agora a proposito o dar-mos abbreviada noção do ponto, que a nossa estampa representa. D'uma varanda guarnecida de gelozias se estende a vista alem das muralhas da villa, tendo em frente a ponte e a igreja de St.<sup>a</sup> Maria do Campo da Feira. Este rocio, para onde está o assento da torre e porta da sua denominação é [vid. P.<sup>o</sup> Carvalho, Tom. 1.<sup>o</sup> da Cor. pag. 55] «grande e alegre, e sempre bem povoado, por ser a melhor sahida da villa, e o atravessa um regato a quem no dito districto emprestou seu nome, para nelle se chamar o rio do Campo da Feira, que corre por baixo d'uma ponte terraplenada, igual com o mesmo campo e que tem de largo 30 passos, e encostados ás suas guardas de uma e outra parte assentos de pedra: tem de comprido esta ponte 130 passos até topar em um cruzeiro de pedra com suas escadas, que está entre ella e a capella de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Consolação.»

#### A MORAL E O SEculo.

##### I

CONFUCIO disse: — «Perdoai as injurias e lembrai-vos só dos beneficios — corrigi hoje o que hontem fizestes.» — Confucio conhecia os homens, a sua indole e os seus misteres.

Hoje dizemos: — «Não façamos aos outros o que não queremos que se nos faça a nós.» — Esta maxima, tão sabida e recommendada, apenas prohibe o mal. O philosopho chinez fez mais: ordenou o bem: «Tratai os outros como quereis que vos tratem.»

Aqui está inteira a moral.

Neste seculo, todo pessoal e individual, que valerá o ir accoradar a voz sem echo do moralista, mais morto pelo esquecimento do que pelos tempos? — Finou-se um systema — especulemos. As ideas, já gastas e velhas, d'uma sociedade, que não póde ser a d'hoje, ei-las vão pouco a pouco sumindo-se na

poeira do que foi — especulemos. Alevantou-se novo modo de ser — especulemos. Alli tendes uma nação — especulemos com a nação. Santifica-se uma religião — especulemos com a religião. Haveis na vossa mão os destinos, que poderíeis tornar formosos, de um povo, que se vos confiou — especulemos com esses destinos. Especulemos sempre. Especulemos em tudo e para tudo. Façamos de todas as cousas um meio, um degrau. Calquemo-lo sem escrupulo. Subamos, adiantemo-nos, corramos incessantemente; sem nos desviarmos, nem para enxugar uma lagrima; sem nos abaixarmos, nem para erguer um infeliz. Corramos, corramos até onde levarmos o fito posto, e quando lá chegarmos, talvez com os pés vermelhos do sangue, talvez com a alma vergando de remorsos, assentemo-nos no alto; e se uma nação avexada, se uma crença cahida, se um povo agonizando nos bradar: — «Que fizestes de nós?» — responder-lhes-hemos: — «Aqui estamos.» — E rirem dos prantos que nos não doem, e lhes cuspiremos para baixo o fel dos nossos despresos.

Eis-aqui o que ninguem diz.

Eis-aqui o que muitos fazem.

Todos não — não: que seria então o mundo, mais do que é, sordido covil de sordidissimos interesses.

Ainda, porventura, haverá ahí alguém que passe as noites em vigilia a meditar o bem dos seus socios no existir; que furte ao repouso as horas que dá á cabeceira do moribundo; que sósinho e nas trevas vá com suas lagrimas regar a terra, ainda fresca, da sepultura que lhe encerra um amigo; que se affaste do caminho para limpar a poeira e o suor da fronte ao viandante, que encontrar perdido; que viva, emfim, na vida de seus irmãos? — Ás horas mortas do silencio irá esse, sem testemunhas, levar o pão da caridade á viuva, que chora, apertando aos seios, mirrados de fome, os filhinhos a pedir na voz e nos gestos, — e pranteará com ella pelo que é já ido — e, carregado de benções, — sahirá para lh'as não ouvir, — e fará a esmola segundo Christo!

Vede á porta do infeliz a carroagem do poderoso; vede-o insultando a miseria com as arrogancias da riqueza. Vede o soberbo enterrando os braços em seus cofres; vede-o atirando ás faces da desgraça com alguns punhados d'ouro mal-ganhado. Ouvi o opulento; ouvi-o mandando repartir as migalhas da sua mesa pelos tristes orphãosinhos, que lhe enso-pam o limiar de seus porticos com chôros do coração. — E que fizeram esses? — Cuidaram soccorrer — insultaram. Não foi caridade: foi ostentação.

Mas não se pensa assim. — Diz-se: — «Pedi-me. Soccorri-o.» — E não vêem — cegos! — que o dinheiro do rico mal poderá ser prestadio ao misero vexado, que lh'o agradece na boca e lh'o pragueja n'alma? E não pensam — loucos! — que o reflexo do ouro, dado na praça e á luz, faz corar o triste que estende a mão diante de tantos olhos?

Ai! mal do que tem fome, e mendiga pão de dor. — Ai! mal do que soffre no intimo, e pede consolações aos homens.

Ide lá com os olhos pisados de longas noites de tormento e eternos dias de penar, ide bater aos corações dos que vos cercam a ver se achaes ahí uma sympathia ao martyrio que vos punge. Zombarão. — Não: se quereis ser escutado, apparecei de labios risonhos e fallas alegres; embora, por baixo de vossos vestidos, lacereis com as proprias mãos o proprio peito; embora vos doa n'alma tamanha dor, que já vos não caiba ahí; embora soluço lachrimoso venha cortar-vos o dicto começado. — Estremecei até ás raizes do coração. Passai noite e dia em vivo

inferno. Mas ride, ride sempre — e dar-vos-hão ouvidos — e sereis bem olhado.

Quem vai nas compridas horas do padecer estender a mão ao que chora? Quem vai ensopar os olhos na dor alheia e imbebê-la inteira em sua alma e tirar dos hombros do desgraçado uma parte do peso que lh'os esmaga? — «Tenho de sobra que sentir.» — «Bem me basta o proprio mal.» — «Quem tem penas que as lamente.»

Eis-aqui o que quasi todos dirão.

E com tudo, se mais meditássemos no soffrer dos outros, mais nos melhorariamos. — Quantas vezes ao dar um passo na vida, se o medíssemos e o pensássemos, retirariamos o pé que se alçava, e diriamos: — Não. — Custa pouco o obrar. Custa muito o meditar. Dar-nos-hia Deus a vida para que só a vivessemos em nós? — Que será disto a que chamamos sociedade, poeira em que nos revolvemos, atmosphera em que respiramos, se para a empreza commum negarmos o auxilio dos nossos braços? — Obreiros dos trabalhos da existencia, auxiliai-vos mutuamente. Sois socios, sois amigos, sois irmãos. Se algum de vós outros se affastar — segui-o. Se o verdes cahido — levantai-o. Se o encontrardes perdido — soccorrei-o. Chegou a hora da afflicção e foi-se ao templo a buscar auxilio no Senhor — orai com elle. Entrou no dia das tribulações e provou fragoas de desespero — consolai-lhe a alma. — Viver é soffrer. — Vivei e soffrei; mas juntos; mas unidos.

E será, porventura, ouvido o brado do que ainda crê?

Ei-los para ahí esses turbilhões de interesses mesquinhos a encontrarem-se e a compenetrarem-se e a despedaçarem-se uns aos outros. O doído tumultuar dos calculos egoistas affoga toda a voz que se erguer para aconselhar probidades. Aonde veremos boa fé, quando os olhos só olham ciladas? — Nem eu dormirei descansado se a inveja me roe no meu somno. Nem me assentarei em repouso á sombra dos meus tectos se a consciencia me falla remorsos. E só porei no proximo o meu pensamento para me servir delle ou fulmina-lo. Desgraça do mundo! Fatalidade da vida!

Os homens são o que são. Não são o que deveriam ser. — É verdade. — Mas — ai delles! — que se um dia accordarem desse largo somno d'illusão, que ha tanto lhes venda os olhos do espirito, lançarão em roda uma vista d'amargura e verão a sua loucura e a sua cegueira — a pequenez do que julgaram grande, — e a miseria do que pensaram mo-bre. — Ai delles! — O verme gastador dos sepulchros não o sente avisinhar o que morre ao abrigo d'uma vida saã, que só em Deus levou o pensamento. Sente-o o devasso sem moral, o orgulhoso ce-guissimo, o delinquente abominando, o guardador infiel, o mau em familia, o cidadão perverso, o que abusou dos que se lhe confiaram. Sentem-o quantos o cancro do crime tem afeiado a alma corrompida. Sentem-o na hora tremenda em que o sonho se esvae e se abrem as portas dess'outra vida, immensa e infinita, porque em fim diante da morte e da eternidade já não ha nem calculos, nem egoismo — ha a lembrança do que foi e a idea do que ha-de ser! — E que idea será essa para o que olha para traz e perde a vista no abysmo de suas impurezas. A morte do justo é começo de somno descansado apoz o longo lidar e agonias deste mundo. — O ultimo momento do mau é a entrada para um inferno de remorsos, que lá lhe está dentro d'alma a arder em vivas labaredas. Poderá até ahí ter suffocado o grito da consciencia nas orgias da noite e no bulicio do dia, poderá. — Mas esse instante

que não falta? — esse condão que será força cumprir?... Meditai-o sempre; e nunca o meditareis de mais.

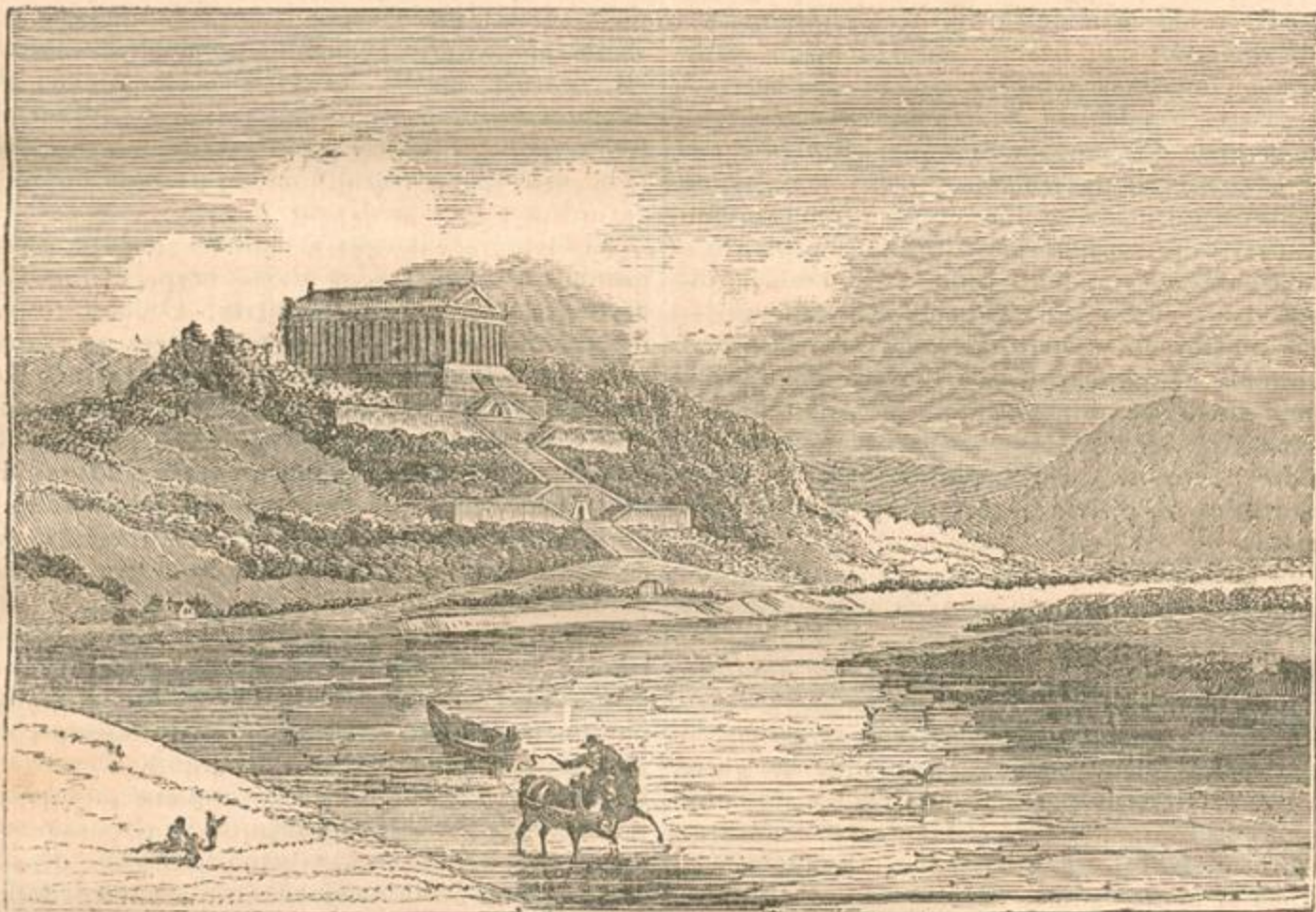
De lugubre e tristonho me taxarão, sem duvida. — Que importa? — Lisonjas, seducções, risos e prazeres, ahí os tendes bem bastos por esse mundo. Deixai que uma vez ao menos um brado meu, fraco e pobre, como é, se alevante para fallar ás multidões. Não as adularei, não. Tenho-me sempre, até agora, fechado no santuario da minha alma, e se uma ou outra vez ergui a voz foi para descartar amores e ternuras. Sabirei tambem, a minha hora, ao limiar do templo. Fallarei; mas fallarei a verdade, rigida e severa e despida de galas vaãs. — Tristes da terra, não vos quero accrescentar as dores nem é a vós que me eu dirijo. Para os que peçam imploro consolações. Invoco allivios para os que soffrem.

— «Amai o proximo como a vós mesmos:» — determina o Eterno. — «Amai-vos e auxiliai-vos:» — direi eu, pequenissimo reflexo daquella luz de

immensa sabedoria; echo frouxissimo daquella voz que trasborda no universo. — «Amai-vos mutuamente.» — É o principio do bem-fazer.

Todos os tiros da philosophia que se chamou illuminada, todos os argumentos despresadores, todos os dilemmas e sophismas, todos os commentarios e subtilezas e deducções irão quebrar-se de encontro a esse preceito santissimo: — «Amai-vos em vossos irmãos.» — Que venham morder ahí as seitas voltairianas. Analyse-o. Voltem-o por todos os lados. Debaixo dos pés malditos dos que ousaram tentar conculca-lo e sumi-lo no pó surgirá elle, e cada vez dobrando em brilho e formosura. Morrem os codices mais cheios de saã semente, morrem os mais proveitosos institutos, morrem as gerações e as idades. Não morrerá nunca, em quanto houver no mundo a sombra d'uma virtude, o livro em que a mão do Senhor consignou aquelle maximo e principal preceito. É o evangelho de Deus. É o codigo dos povos.

(Proseque.) *Silva Leal — Junior.*



TEMPLO HEROICO DE WALHALLA.

ELREI de Baviera, Luiz 1.<sup>o</sup>, tio de S. M. I., a Serenissima Senhora Duqueza de Bragança, mostrou desde a sua juventude talento singular para as Bellas-Artes, sendo a architectura o ramo da sua predilecção. Ainda principe concebeu uma idéa nobilissima, que ao mesmo tempo quadrava com a sua natural propensão: não era porem o edificar enormes pyramides por vaã ostentação de poder, ou amphitheatros espaçosos para divertimento do vulgo; menos ainda construir algum immenso mosteiro para retiro de qualquer communitade religiosa, que por sua extincção deixaria inutilisado o custoso edificio; tão pouco lhe lembrou levantar esplendido palacio por satisfazer a vaidade e orgulho pessoal: o seu plano foi erigir um templo heroico com o fim glorioso de immortalisar os homens illustres, que floreceram e

se distinguiram não só na Baviera, mas em toda a Allemanha, collocando alli os bustos delles para memoria perenne, e dando assim uma especie de existencia real ao fabuloso Walhalla. (\*) Porem como os genios heroicos não se satisfazem só com a execução da obra projectada, mas querem tambem encarecê-la com circumstancias peculiares, o monarcha bávaro propoz-se a desempenhar duas: primeira; ser o risco feito por elle proprio, depois de ter exami-

(\*) Na mythologia teuthonica, Walhalla era o nome do palacio de Odino ou Wodan, o Jupiter, a suprema divindade dos antigos povos do norte, o nume das batalhas, que levantára aquella magnifica estrutura para mansão das almas dos heroes, que tinham perdido valorosamente as vidas nos combates, afim de que gozassem nesse recinto sagrado eterna felicidade.

nado os mais nobres edificios da antiguidade: — segunda; que toda a despeza fosse á custa de sua fazenda particular. Esta ultima circumstancia só dependia da sua generosa resolução: porem a outra requeria experiencia, e por isso, em 1823, partiu de Munich, côrte da Baviera, para viajar pela Italia e outras partes, levando em sua companhia o perito architecto, Leão von Klenze. — Quando recolheu, applicou-se a levar a effeito o seu designio, tanto na eleição do lugar, como na planta e materiaes da fabrica. Depois de maduro exame sem deixar-se levar do sentimento de preferencia á côrte real, como geralmente succede aos soberanos, elegeu uma eminencia, proxima á villa de Donaustauf, obra de uma legua abaixo de Ratisbona, na margem esquerda do Danubio e no centro do reino. Não podia achar-se mais opportuna localidade em toda a Baviera para dar a Walhalla o magnifico prospecto, que merece o objecto da sua construcção: a collina erguendo-se da margem daquelle rio magestoso á altura de 168 pés, acaba n'um taboleiro ou mesa de mais de 120 braças de superficie; e separada por um valle formado por uma cadêa de cerros muito mais elevados, e cubertos de arvores, exhibe o aspecto mais picturesque que é possível imaginar: á direita fica a cidade de Ratisbona, e em frente uma planicie que se perde no horisonte, variada a perspectiva com as voltas do caudaloso rio e as muitas povoações assentadas nas margens.

Por fallecimento do rei Maximiliano, em 1825, subiu ao throno o principe Luiz, e logo encarregou ao seu architecto Klenze a construcção do edificio segundo a planta traçada d'antemão pelo proprio soberano, facilitando das pedreiras de seus bens patrimoniaes em Unterberg e Salzburgo os marmores necessarios para a estrutura. Preparados os alicerces, collocou Luiz a pedra fundamental aos 18 de Outubro de 1830, em presença da familia real e nobreza bávara e de grande multidão de espectadores, rematando a cerimonia o secretario d'estado Schenk com um discurso adequado, elogiando o motivo e explicando o destino da obra.

Este novo pantheon está no meio d'um bosque de carvalhos, junto ao declive meridional, pelo qual de baixo para cima correm dois espaçosos lanços d'escadaria, encontrando-se e abrindo-se até a mesa e corôa da collina; donde continúa até o portico do templo, cujo piso está sobre um adro de grande elevação. A architectura de fabrica tão magnifica é no estylo dorico mais classico: o portico é extremamente nobre, composto de oito columnas na frente e seis mais dentro, com dezeseite por lado: as dimensões do fuste de cada uma são 32 palmos de altura, e 6 de diametro na parte inferior. — Walhalla, como a maior parte dos templos gregos da ordem dorica, é de figura oblonga, medindo 160½ pés port. de comprido, 45½ de largo, e 48 de alto; e não tem outra porta senão a meridional com 31 palmos d'altura e 15 de largura. Sentimos não podermos appresentar mais completa noticia deste edificio; porquanto as breves informações que neste artigo damos, devemos-las a um escriptor hespanhol, que visitou Walhalla em Setembro de 1835, quando a obra estava nos termos, que elle expõe da seguinte maneira. — « Não nos é possível, no estado actual da fabrica, fazer descripção alguma das decorações, tanto interiores como exteriores, que hão de aformosear este templo, pois o esculptor Schwantaler, a quem o rei Luiz encarregou essas obras, quando no mez d'Agosto tivemos a honra de ser admittidos a sua casa em Munich, não tinha acabado mais de tres ou quatro modelos das estatuas que

hão de adornar o portico, e apenas tinha começado a parte do trabalho de esculptura do entablamento, que é na verdade um desenho grandioso e de muito gosto, delineado todo elle por elrei Luiz. O custo da estrutura de Walhalla está orçado em quatorze milhões de cruzados: e sendo tão enorme gasto feito com os rendimentos particulares daquelle soberano, protector das artes, não é provavel se complete a obra antes de oito ou dez annos: maiormente fazendo-se ao mesmo tempo a collecção dos bustos dos heroes de Teuthonia, dignos de mansão naquelle esplendido recinto. » —

Resta-nos agora, pois que Ratisbona está perto de Walhalla, dizer alguma cousa de tão antiga e notavel cidade. O nome porque ella geralmente é conhecida na Allemanha é Regensburg, e deriva do rio Regens, que alli desemboca no Danubio: mas o outro nome alatinado é mais frequente nos escriptos dos povos meridionaes. Como praça commerciante foi afamada no seculo segundo, pelo que se vê da uma inscripção existente. N'uma veiga mui fertil e á beira de um dos principaes rios da Europa, é vantajosa a sua situação. A margem fronteira é bem povoada, e com ella se comunica Ratisbona por uma ponte, que merece especial menção. Esta construcção é feita de cantaria por extremo dura, tem 962½ pés portuguezes de comprimento, 23½ de largura, e 28 de altura: consiste a sua fortaleza na fórma dos pégões ou pilares, cada um dos quaes é de tres corpos; o primeiro, que sobe do alicerce, tem um talhamar contra a força da agua, saliente 12½ pés, e pelo outro lado só 10 pés, e serve como de apoio e escora: este corpo alarga-se dentro dos arcos de modo que só deixa o espaço de cousa de quatro varas ou vinte palmos por onde corre a agua nos arcos principaes; cada pilar tem a apparencia de um barco: sobre o mesmo corpo cresce outro com seis palmos e tres pollegadas d'alto, ponto da maior elevação do Danubio nas cheias; dahi para cima fica a ponte livre. Foi edificada de 1135 a 1146; e não só tem resistido ao impeto de tão caudaloso rio pelo decurso de sete seculos, mas continuará por muitos mais sem carecer de outros reparos, alem do empedramento da calçada.

Pondo de parte a historia antiga de Ratisbona, vemos-la feita assento permanente da dieta do imperio allemão desde 1663 até a dissolução da dieta e estabelecimento do novo systema. Em 1803 foi dada, com todo o bispado de que era cabeça, ao elector de Moguncia, que assumiu o titulo d'archiebischoff do imperio. Logo passou a ser constituída principado, cujo governo se estabeleceu em Ratisbona: em Abril de 1809 ahi se deu uma porfiosa e sangui-nolenta batalha entre austriacos e francezes, sendo derrotados os primeiros. Quando Napoleão em 1810 fez duque de Francfort o principe primaz, passou o principado para o dominio da Baviera, e assim permaneceu ligado a esta corôa até o presente.

Ratisbona não é tão povoada como podéra ser; e tal mingua procede do tenue commercio por falta de manufacturas. As ruas são tortuosas, mas limpas, as casas de feitio antigo, mas commodas: ha 22 igrejas catholicas e 3 protestantes, algumas formosas interiormente: o palacio do principe Tour e Taxis é vasto, seus jardins são francos ao publico e nelles está inaugurado o monumento do celebre mathematico Kepler.

#### COMMERCIO.

DEFINE-SE o commercio uma troca de objectos, que

permite a uma nação obter as commodidades de que as outras gozam. Deste modo, os habitantes da zona gelada podem saborear os prazeres dos tropicos, apesar de que o seu paiz esteril não contenha em si mais do que productos só proprios para satisfazer as primeiras necessidades da vida, dando em compensação os metaes e mineraes que as suas fragosas montanhas produzem, e as manufacturas que a habilidade e industria dos habitantes destinavam para uso proprio. O espirito de empresas commerciaes é inherente á natureza do homem; e não ha um só paiz no mundo, ainda os não civilizados; nem uma só epocha, posto que remota seja, de que nos não refira a historia uma ou outra de similhantes empresas. É certo que as primeiras noções que temos de transacções mercantís são as que nos dá o Genesis; no entanto podemos seguramente inferir do estado social do Egypto na primeira idade — da associação dos commerciantes em *caravanas* (\*) a fim de proseguirem com segurança nas suas empresas — da promptidão com que os filhos de Jacob reconheciam os egypcios por homens de negocio, e dos objectos de luxo em que estes mercadejavam, que o commercio lhes era familiar, e desde longo tempo alli praticado. O Egypto é um paiz extremamente fecundo, e fornece grande quantidade de productos da primeira necessidade para o homem: a altura de civilisação a que elle chegára no tempo de José, e a pompa e magnificencia que a cõrte de Faraó desenvolveu, são provas irrecusaveis de que o commercio fõra alli conhecido e exercitado muito tempo antes da citada era.

Os auctores da *Historia Universal* dão ao commercio origem remotissima, e suppõem que elle existia em ponto grande, ainda antes do diluvio. — «Ha toda a probabilidade, dizem elles, de que se commerciava com mais commodidade antes do diluvio que depois. — Quando no mundo só havia uma linguagem não se carecia tanto do commercio, como posteriormente succedeu; assim por haverem augmentado com o tempo as necessidades do homem em consequencia dos máus effeitos do diluvio sobre a terra e seus productos, como por viverem estes antes de tal acontecimento em maior contacto, podendo supprir as precisões mutuas com mais facilidade e commodo. Que elles não tinham navios para transportarem generos a longiquas terras parece cousa assentada; por quanto se a navegação fosse então conhecida muita gente se teria salvado do diluvio como aconteceu a Noé e sua familia.» — Depois da destruição e separação do genero humano, como fosse menos facil negociar com pessoas que fallavam linguas differentes, as suas necessidades augmentaram em consequencia desta seggregação. Para as tribus que se estabeleceram em novos paizes não só tornou mais dolorosas as precisões actuaes a lembrança das perdidias commodidades, como as instigou esse sentimento a irem de novo procura-las ás terras que haviam habitado, fazendo depois permutação dos generos ou objectos que d'alli traziam.

É assim que principiou o commercio entre as differentes nações, soffrendo este com o andar dos tempos muitas alterações. — A idéa da navegação foi, certamente, o passo mais agigantado que se deu para a prosperidade do commercio; por quanto, antes deste famoso invento, o mar, longe de facilitar as transacções mercantís, era o maior estorvo que estas en-

contravam. — Ainda que provado esteja que a navegação propriamente dita era desconhecida dos anti-diluvianos, parece com tudo indubitavel que o uso de atravessar os rios, e de os navegar em jangadas e outras rudes construcções, fõra muito familiar aos antigos povos. — Podêmos rasoavelmente suppor que a construcção de embarcações se seguiu immediatamente á apparição da arca de Noé, que lhes serviu de modelo: um navio, feito sob a direcção do Todo Poderoso, não só devia ser perfeitamente adequado ao seu fim, mas tambem passaria como excellente modelo de embarcações costeiras, e talvez que para as do grande oceano.

Tratando de commercio, não podemos deixar de aqui reproduzir o que sobre este importante assumpto escreveu no seu Dictionario Juridico-Commercial, o nosso illustre e sabio contemporaneo, José Ferreira Borges, cuja opinião nestas materias é na verdade de grande peso, attendendo aos vastos conhecimentos que dellas possuia, bem como de outros ramos de sciencias e litteratura.

«Em ultima analyse, diz elle, o commercio reduz-se á troca de valores. É elle o mais poderoso vehiculo das produções e dos productos no consumo: sem a sua existencia a riqueza seria comparativamente menor: com elle vão as luzes e a civilisação de um canto ao outro do mundo: a elle se deve em grande parte o melhoramento actual da especie humana. Devem-se-lhe a maior parte das descobertas que o homem tem feito. Os que nelle se empregam formam uma familia unica derramada na superficie do universo. Os governos que merecem este nome nunca perderão de vista fomenta-lo, anima-lo, e protege-lo: a sua grande maxima reduz-se a remover-lhe os estorvos: os seus inimigos são os privilegios, os monopolios, os contrabandos. — Sem igualdade e liberdade não póde haver commercio.

«Nós temos nestas palavras substanciado quanto ha a dizer sobre as idéas que encerra a palavra commercio. Cumpre todavia desenvolver-las de uma maneira que possam ficar ao alcance de todo o leitor; e seremos dest'arte desculpados na extensão deste artigo.»

«Se a palavra *commercio* se julga derivada das duas latinas *commutatio mercium*, é claro que na sua origem quer dizer troca de generos por generos. O commercio é coevo com a civilisação. Desde o momento que os homens deixaram de fornecer-se cada qual dos diversos artigos de que usava; desde então começou entre elles uma communicação commercial — uma troca. Só pela troca do excesso que nós produzimos e não consumimos, feita pelo excesso do que produziram outros, é que podia introduzir-se a divisão de empregos, ou que diversas pessoas podiam dar-se a diversas profissões. — Alargou grandemente a esphera desta repartição a variação quasi infinita das qualidades de terrenos, de climas e assim de productos: e d'ahi nasceu a divisão territorial do trabalho; qualidade esta que não só augmentou a riqueza, mas accelerou a civilisação do genero humano, mais do que outro algum poder talvez: começando nos pequenos campos que podêmos chamar aldeas, destas se fizeram as villas; d'ahi as cidades, depois as provincias, d'ahi os reinos, e emfim a face do globo habitado e civilizado. Tudo pois quanto gozâmos para satisfazer nossas necessidades e caprichos deve-se ao commercio em ultima analyse. Nada diremos neste logar sobre os direitos e obrigações que contraem as diversas pessoas que hoje se empregam no commercio, porque este respeita a diversos nomes e artigos deste Dictionario. Em quanto que as trocas dos diversos productos eram feitas directamente pelos pro-

(\*) *Caravana* — Associação de homens que mercadejam e viajam juntos e em grande numero pelos desertos e outros perigosos sitios do oriente, para mutua segurança e defeza. — Servem-se ordinariamente de camelos, e por vezes de cavallos, escoltando-os um *agá*, ou chefe, á frente de um destacamento de tropas.

ductores, elles deviam perder muito tempo, e experimentar muitas inconveniencias. — Quando não haviam commerciantes os lavradores deviam, querendo vender as suas colheitas, em primeiro logar procurar freguezes, e dispôr só da quantidade dos generos, que cada um lhes quizesse comprar; e depois de justo o preço tinham necessidade de fazer tantas porções de remessas quantas as pessoas com quem contractassem, e pouco tempo lhes restaria para outra cousa. Ora este estado não só embarçava o lavrador, porem tolhia o desenvolvimento dos demais ramos d'industria. O estabelecimento de uma classe mercantil distincta cortou estes embarços. Apareceram por essa necessidade os mercadores por grosso e de retalho; e as povoações começaram a ser melhor providas, e todos mais desembaraçados para correr a novos empregos que as necessidades a supprir exigiam e inventavam. Os mercadores por grosso enchiam como em deposito armazens, e delles, ou por sua conta, ou para outros compradores subalternos retalhavam a quem necessitava o genero, que armazenavam: asseguravam assim o provimento, e conferindo um lucro poupavam todos aquelles estorvos que no primeiro estado eram insuperaveis. Eis-aqui a origem dos primeiros mercadores, e que ainda hoje constitue a grande divisão mercantil de mercadores ou negociantes por grosso, e com armazens; e mercadores de retalho ou por miúdo. Estabelecido assim o commercio interno, e derramado por um reino inteiro, augmentadas as necessidades, e descuberta a arte de navegar, a variedade de productos, e de necessidades reaes ou ficticias, nasceu o commercio externo, ou de nação a nação. Do exposto se colhe a importancia do commercio interno: elle fez necessitar o transporte de fazendas, e por consequencia originou as estradas, os canaes, os carros, e os navios. Abertas estas communicações a industria viu diante de si um campo immenso. A peculiaridade, e assim a superioridade de um terreno, de um producto, fez com que os habitantes dessa localidade se limitassem a fazer valer esse producto, e o genio e a assiduidade diminuiu as despezas da sua producção, e augmentou os ganhos — os meios da existencia do agricultor, e do operario; e estabeleceu assim a divisão territorial do trabalho tão, ou mais transcendente do que a divisão do trabalho sómente. — Daquella nasceu esta; e os empregos sendo mais e mais divididos, e introduzidas machinas mais poderosas, os poderes productivos do trabalho cresceram quanto mais se augmentaram as massas da população. Quanto não é pois digno da attenção de todo o bom governo o commercio interno? Quantas restricções, monopolios, e alcavalas lhe não empecem! Se não fomentar-mos o commercio interno; por outra, se não animar-mos a producção propria como poderemos trocar pelas alheias? Como poderemos prosperar? *A alma do commercio* diz-se no Direct. conf. pelo Alv. 17 de Agosto 1758 §. 38, *consiste na liberdade* — *A sua liberdade* diz o Dec. 8 de d'Abril 1773, e a Cond. 13 de 29 de Março 1733 *é sempre digna do maior favor*. — E porque se não observam maximas tão justas e tão verdadeiras? Porque não temos uma estrada digna do nome? De que servem todas essas corporações embandeiradas, os seus compromissos, os seus privilegios, as suas intendencias, a sua fiscalisação governativa, e o seu monopolio? (\*) A influencia do commercio externo embarçecendo e multiplicando os meios e os gosos, é por certo de grande monta á sociedade: todavia a sua

influencia indirecta é talvez superior: isto é, a influencia que exerce sobre a industria augmentando sem medida a massa dos objectos desejaveis, inspirando novos gostos, estimulando as empresas e invenções pela competencia que alevanta entre os naturaes e os estrangeiros, e tornando-as familiares com as artes e com as instituições. Tem havido entre os economistas grande controversia sobre a superioridade do commercio interno, ou do externo. E' fora deste logar o discuti-lo: nós diremos sómente, que a somma dos lucros comparada de um e de outro commercio deve no nosso pensar decidir da sua vantagem. Ora ninguem empregará no commercio externo capital que no commercio interno lhe produzisse mais. Cumpria só observar a maxima do Dec. 30 de Setembro 1755 quando diz: devem facilitar-se os meios de florecer e dilatar-se o commercio: as suas regras e maximas geraes são impreteriveis e adoptadas geralmente por todas as nações que por ellas se regem e governam. — «Deve evitar-se, diz o Alv. 21 Abril 1751 § 11.º quanto é prejudicial a elle e a quem o sustenta.» — Começasse-se por cumprir-se estas maximas em nosso commercio interno e breve se lhe conheceria o resultado; embora lhe ficasse a preferencia ao commercio externo, que lhe dá o Dec. 11 Janeiro 1751 quando diz: — «o commercio do mar prefere ao da terra pela determinação dos foraes, para que os mercadores e navegantes não sintam o incommodo das despezas que lhes causam as demoras, perda de monção, e avarias de fazendas. — Concluiremos este artigo com dizer que a Carta de lei de 30 de Agosto de 1770 reconheceu expressamente que a profissão do commercio é necessaria, proveitosa, e nobre.»

*Môscas peçonhentas.* — Junto ao castello de Golubae ha uma feira de grutas, famosas porque nellas se criam as môscas peçonhentas, que tão conhecidas são na Hungria e na Servia. Estes singulares e venenosos insectos, que alguma cousa se assemelham a mosquitos, apparecem de ordinario no verão com os primeiros calores mais fortes, e em tamanha quantidade que figuram ao longe nuvens de fumaça: atacam sempre directamente os quadrupedes de toda a casta, e é tão activa a pegonha que communicam com as mordeduras ou ferroadas que um boi por ellas perseguido não pôde resistir e morre dentro em duas horas: o que resulta não tanto da virulencia como da espantosa quantidade das môscas, que se apegam a todas as partes vulneraveis do corpo do animal, que desatinado correndo pelos campos e cerrros ou se precipita ou vai de mergulho affogar-se n'um pégo.

Os pastores e vaqueiros, ensinados pela prática, conhecendo o tempo da arribação das môscas, untam os logares dos corpos do gado, sujeitos ao commettimento de tão ruim praga, com um cozimento engrossado de losna, que os preserva das ferroadas: alem disso accendem muitos fogachos, que espancam os insectos. Felizmente estas môscas damnosas são quasi ephêmeras, duram pouco, e a menor variação da atmosphera acaba com os numerosos enxames delias. — Dizem os rusticos daquelles sitios que nas taes grutas S. Jorge matára o terrivel dragão, e que da ossada do monstro se gera a praga das môscas. — E' porem provavel que as cavernas sejam encharcadas no inverno, e que os germes de tão nocivos animalijos se fecundem nas aguas apodrecidas, assim que chegam os calores do verão.

Os habitantes do paiz, ha annos, taparam com

(\*) Ainda no tempo em que o A. escreveu este livro existiam essas corporações.

parede as bocas das grutas; mas nada lhes aproveitou tal expediente, porque as aguas do inverno correndo pelos lados da rocha arruinaram os muros e facilitaram aberturas, que de novo deram sahida ás môscas, as quaes se não extinguiram durante o tempo em que se conservaram entaipadas. Crê-se geralmente que estes subterraneos teem communicação pelo interior da terra com o rio Danubio, que se entumesce com as cheias, d'ordinario pela primavera, e então os alaga entrando por alguns ductos, que ategora se não poderam descobrir. — *Extracto das Viagens de Spencer.*

## BIBLIOGRAPHIA.

*Cultura e opulencia do Brasil, por suas drogas e minas, com varias noticias curiosas do modo de fazer o assucar: plantar e beneficiar o tabaco: tirar o ouro das minas, e descobrir as da prata; e dos grandes emolumentos que esta conquista da America meridional dá ao reino de Portugal com estes, e outros generos e contratos reaes: obra de André João Antonil, offercida aos que desejam ver glorificado nos altares ao veneravel Padre José Anchieta, sacerdote da Companhia de Jesus, missionario apostolico, e novo thaumaturgo do Brasil. Impresso em Lisboa na officina Real Deslandiana com as licenças necessarias, no anno de 1711, novamente reimpresso no Rio de Janeiro, &c. — 1 vol. de 8.<sup>o</sup> franc. de 214 pag. —*

TENDO chegado ultimamente de venda (\*) a esta cidade alguns exemplares da edição da obra cujo titulo deixámos exarado na integra, não desprezaremos a occasião de noticiar n'uma pagina do Panorama a existencia de tão interessante e util escripto portuguez do principio do seculo passado, que por má sina, apesar de impresso, quasi deixou até hoje de lograr as honras de ser lido, não só pela sua extrema raridade, como porque deixou de ser relacionado na Bibliotheca lusitana e seu summario. — O motivo de tal raridade da primeira edição [pois outra não havia até agora] proveio, na opinião de J. P. Ribeiro, da sua immediata suppressão, a qual teve logar, segundo este celebre critico, por ordem do mesmo rei que facultou a impressão. — Julga-se ter sido a principal causa para tal procedimento o receio de que os segredos revelados no livro ácerca do fabrico do assucar fossem servir de mais utilidade ás colonias hespanholas, hollandezas, inglezas e francezas, em detrimento manifesto das portuguezas, e com especialidade do Brasil, cuja prosperidade tanto então se desvelava o governo em promover, á custa ás vezes até das outras colonias nacionaes. — O certo é que o livro ficou rarissimo, e, por nossa parte, da 1.<sup>a</sup> edição só de vista testemunhamos nesta cidade a existencia de um unico exemplar, achado no deposito dos livros em S. Francisco; foi, julgámos nós, levado para a bibliotheca privada de uma das secretarias.

Quanto á falta de menção que se encontra em Barbosa não seremos nós quem ouse dizer que foi disto causa a raridade; pois parece terem posto este A., ou aquelles de quem aproveitou, mais esmero nas noticias dos livros mais nomeados em raridade. Ora havendo o conhecimento, seria o esquecimento o motivo mais plausivel e natural; porem tambem não é a este que attribuímos o silencio; — é sim á assignatura do Proemio da obra em que o A. diz — « É se alguém quizer saber o auctor deste curioso e util tra-

(\*) A' casa de livros de Bertrand aos Martyres.

balho, elle é um amigo do bem publico chamado: o *Anonymo Toscano.* — Talvez destas palavras deduzisse Barbosa ser estrangeiro o A., e por esta condição excluísse a obra, como fez a respeito d'outras feitas em portuguez por auctores d'outra nação.

Findando esta digressão a que insensivelmente fomos levados, cumpre-nos enunciar sinceramente o que della julgámos; fim primario deste artigo, pois que para noticiar a obra era sufficiente annunciar o seu titulo. —

Quanto á parte litteraria o A. aproveitou a terminologia usada pelos praticos assim no fabrico do assucar, como na cultura do tabaco e lavra das minas: é certo que não existe na lingua portugueza obra de mais pura e fertil auctoridade em taes assumptos, e por isso não deixou de ser recommendada no catalogo dos livros que se hão de lêr para a composição do Dicc. Port. publicado pela academia. — A linguagem, não obstante dizer o A. servir-se do « mesmo estillo e modo de fallar claro e chão, que se usa nos engenhos » é saã e por vezes agradavel como mostraremos n'outra occasião. Quanto á utilidade da doutrina, que contem, ainda hoje é muita, apesar do progresso que desde então ha feito a industria, principalmente no fabrico do assucar de que se occupa a 1.<sup>a</sup> parte. — Com tudo o A. apesar de ter estudado a pratica em um só engenho da Bahia [verdade é que no principio] descreve com tanta prudencia e prevenção que julgámos ser este um livro que nenhum senhor de engenho devêra deixar de possuir, e muito menos os que se propõem a se-lo como ora acontece a alguns nas ilhas de Cabo-Verde, S. Thomé e Angola. — Aconselharemos porem a par desta, para conhecimento dos aperfeiçoamentos modernos no fabrico do assucar, a obra publicada na Bahia em 183—[4?], pelo Sr. Conselheiro Calmon. — Da segunda parte que tem por objecto a cultura e preparação do tabaco daremos n'um proximo numero um excerpto, visto que o governo promove tambem hoje esta cultura nas colonias.

Com a leitura da terceira parte, que trata das minas, muitas noticias se aproveitarão principalmente no que diz respeito ao seu descobrimento, &c.

Terminaremos recommendando tal obra a todos aquelles que á vista da simples e imparcial narração que acabámos de fazer julgarem que lhes deve ser de interesse, e aos editores tributámos agradecimentos por se terem arriscado a fazer esta edição em tempos e paizes em que o fundo empregado em impressões de livros dá lucros tão pequenos e precarios.

\* A. \*

*Revista Historica de Portugal desde a morte de D. João 6.<sup>o</sup> até o fallecimento do imperador D. Pedro. — Coimbra 1840. 1 vol. 8.<sup>o</sup>*

EIS-AHI uma das poucas obras da nossa historia contemporanea que, por seu adequado estylo e sufficiente imparcialidade, tão rara em todos os tempos, está votada á posteridade. Bom seria que os contemporaneos de qualquer partido considerassem já verdadeiro este nosso vaticinio, e reclamassem a tempo alguma inexactidão em que a historia tenha cahido por menos informada. Ahi estão os jornaes politicos de todas as cores offerecendo suas columnas para rectificar em sua defesa qualquer reflexão justa, que poderá ser conhecida e aproveitada pelo A. na seguinte edição, á qual o merito da obra agoura tanta brevidade. Ao A. anonymo convidamos a que continue na historia contemporanea, em que tão bem se estreou — se é que já se não tinha estreado.

\* A. \*